

Na ponta
de meus dedos

Júlio Emílio Braz

ilustrações: Soud

Na ponta de meus dedos



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua - CRB-8/7057

Braz, Júlio Emílio

Na ponta de meus dedos / Júlio Emílio Braz ; ilustrações de Soud. - São Paulo : Saberes e Letras, 2023.

56 p. : il., color. (Coleção Memorabilia)

ISBN 978-65-84607-10-1

1. Literatura infantojuvenil brasileira 2. Família – Literatura infantojuvenil I. Título II. Soud III. Série

23-2111

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil brasileira

1ª edição – 2023

Direção-geral: *Ágda França*

Editora responsável: *Andréia Schweitzer*

Assistente de edição: *Fabiola Medeiros*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Produção de arte: *Telma Custódio*

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Saberes e Letras

Rua Botucatu, 171 – Vila Clementino

04023-060 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3575

<http://www.sabereseletras.com.br> – editora@sabereseletras.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Instituto Alberione – São Paulo, 2023



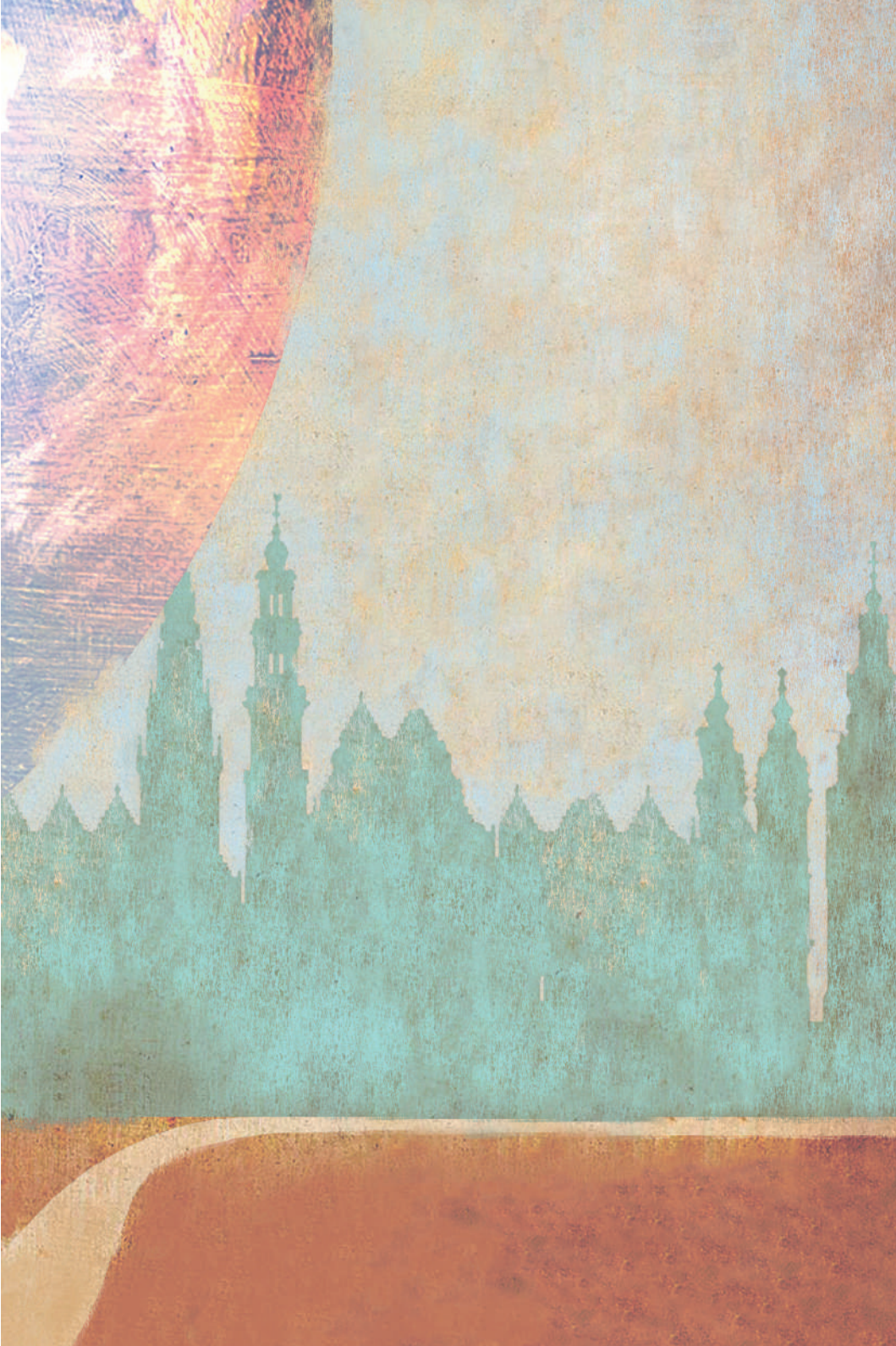
*Para Sônia Zanchetta,
uma grande pessoa*

Na juventude, aprendemos;
na maturidade, compreendemos.

Marie Von Ebner Eschenbach







1



NA PONTA DE MEUS DEDOS.

Ele sempre esteve lá desde que foi embora.

Uma pista. Um destino. Uma provocação. Na verdade, tudo começou bem antes, quando ele me deu aquele velho mapa de presente.

– Foi presente de meu pai, o professor de Geografia... – informou.

De tempos em tempos, principalmente quando as coisas ficavam difíceis lá em casa, e elas eram sempre difíceis para nós, ele abria o mapa, fechava os olhos (e eu com ele) e apontava para algum lugar.

Tegucigalpa. Mumbai. Sydney. Potosí. Sacalina. Kalahari. Península de Iucatã. Nomes estranhos. Lugares desconhecidos. Terras distantes. Pouco importava, mas, sobretudo, fascinava exatamente por conta disso. De qualquer forma, naqueles instantes de dificuldades, quando as brigas eram constantes e ele mais uma vez estava desempregado, o mundo estava na ponta de nossos dedos.
– Um dia estaremos lá... – ele garantia.





Foi assim que minha longa,
interminável viagem começou, dez,
onze anos depois que ele se foi
e nunca mais voltou.

No princípio, quando ele se foi,
nem me preocupei muito. Todo dia
ele ia para a escola onde trabalhava
(na verdade, alguns anos mais tarde,
eu descobri que eram três ou quatro
por dia, uma bem longe da outra,
e a todas ele detestava – pobre do
meu pai!), mas voltava no final do dia.

Era assim que acontecia entre nós
naqueles primeiros tempos.

Era nosso segredo.



– Eu sempre volto... – ele repetia por trás do sorriso mais brilhante e envolvente do mundo. – Não posso deixar meu grande companheiro para trás...

MEU PAI.

De alguma maneira ingênua, realmente meio tola, toda infantil, quando se tem oito anos, fugir, seja lá para onde for, parece bem divertido. Por isso, nem liguei quando ouvi minha mãe chorando e reclamando que ele fugira.

É, mas o tempo foi passando e me levando para outras idades e até por outros lugares e cidades (quando a minha mãe não conseguia pagar o aluguel, a gente se mudava e se revoltava, xingava, mas, depois de certo tempo, apenas chorava) eu sempre com minha mãe. E fui achando tudo menos fascinante e bem mais frustrante.

Meu pai não voltava. Nem escrevia.
Não ligava. Nada. Meu pai desapareceu.
Saudoso, eu acabei buscando no velho
mapa de meu avô, o professor de
Geografia, a alegria pálida e fugidia de
tempos melhores e mais sorridentes,
quando meu pai me levava para suas
surpreendentes viagens mundo afora,
por lugares maravilhosos. Era fechar
os olhos e apontar.